



**Jean Dubuffet**

Corpo de dama (lote fantasia), 1950

Bell, J. (2008). Uma nova história da arte. São Paulo : Martins Fontes.

---

# Heliogábalus

Nelson Maravalhas Junior\*

---

Este artigo busca analisar e categorizar um sujeito que circunda certo espaço na cidade de Brasília e realiza certos atos sui generis. O conceito trabalhado é o da Art Brut/Outsider Art, aqui utilizado ao (aparentemente psicótico) sujeito estudado, com matizações entre os gêneros tradicionais da escultura e da performance.

*Art Brut/Outsider Art, escultura, performance, psicose*

Com o propósito de tornar familiares, ao leitor, os termos *Art Brut* e *Outsider Art*, intercambiáveis no discurso estético na Europa e não muito usuais no Brasil, irei defini-los e situá-los historicamente para, então, tratar de um caso paradigmático dessa categoria de arte.

*Art Brut* (no sentido de arte 'crua', 'pura') foi definido nos anos 1940 pelo artista plástico Jean Dubuffet (Le Havre 1901 – Paris 1985) como uma categoria especial de arte realizada sem uma intenção mercadológica, e nem mesmo artística: seria produzida exclusivamente pela necessidade criadora do seu produtor. Este não saberia "o nome da arte", e o fenômeno estético inclusive escaparia se tal nome fosse pronunciado. Na mesma época, Dubuffet iniciou uma coleção que, depois de várias reviravoltas, se estabeleceu em Lausanne, Suíça, sob o nome *Le Compagnie de l'Art Brut*.

No início da década de 70, o então jovem pesquisador inglês Roger Cardinal escreveu sobre esta categoria de arte e, com aquele termo francês, resolveu intitular seu segundo livro. No entanto, a editora não aceitou um termo estrangeiro para um livro inglês, e se decidiu por *Outsider Art*. Hoje, nos países anglófonos, este é o termo utilizado para um tipo de arte produzida por indivíduos sem formação artística, não totalmente integrados ao tecido social e em sua maioria sofredores de algum tipo de doença mental - e este é o aspecto que nos

---

\* Nelson Maravalhas Junior é artista plástico e Professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília desde 1987. Mestre em Pintura e Desenho na The School of the Art Institute of Chicago, nos EUA e PhD em Teoria e História da Arte pela University of Kent at Canterbury, na Inglaterra, o autor realizou sua tese de doutorado sobre a produção de artistas psicóticos, tanto na Europa, quanto no Brasil.



**Heliogábalos**

Sem título/ sd

Madeira esculpida e pintada

Fotografia: Nelson Maravalhas Jr.

interessa de perto neste artigo. Por outro lado, essa arte possui um caráter visionário, de forte, soturna, e pesada carga expressiva. Seus produtores são, de certa forma, indiferentes à possível inserção de suas criações no mercado de arte. Nesse aspecto, afasta-se da chamada Arte Popular (*Folk* ou *Naiif*) no que esta se inspira e tenta imitar a tradição. Na Espanha, tem se usado o termo *Arte Marginal*, obviamente sem qualquer conotação de criminalidade; neste artigo usarei este mesmo termo como alternativa, tanto ao termo francês, quanto ao inglês.

O estudo da atividade de pacientes em hospitais psiquiátricos - entendida enquanto 'arte' em seu pleno direito - foi iniciado pelo psiquiatra e historiador da arte alemão Hans Prinzhorn. Prinzhorn deu continuidade a uma coleção de obras de pacientes na Clínica Psiquiátrica da Universidade de Heidelberg, primeiramente reunidas por Karl Wilmanns, e publicou em 1922

o célebre livro *Bildneri der Geisteskranken* (algo assim como *O Artificio do Doente Mental*), que influenciou o movimento surrealista em sua guinada para as artes visuais, visto que inicialmente tinha se orientado somente para a escritura <sup>1</sup>.

Com esses termos definidos, passo então ao relato sobre um personagem real que vive no Campus Universitário da Universidade de Brasília, e que aqui, para manter o anonimato, será tratado por um pseudônimo. As informações básicas iniciais que me levaram ao estudo de caso deste artigo foram dadas pelo Professor Miguel Simão, sem as quais este artigo não existiria. Deve estar claro ao leitor que o personagem aqui focado se insere na categoria artística acima definida, isto é, de um indivíduo (por algum motivo) marginal à sociedade, e que produz um fenômeno estético.

O Professor Simão contou-me, em seu ateliê de escultura em pedra e metal, localizado na Oficina de Maquetes do Departamento de Artes Visuais, o estranho caso de um rapaz - que aqui chamarei de Heliogábalus<sup>2</sup> - com quem trabalhou durante certo tempo. Eu já havia visto alguns dos seus trabalhos há mais de cinco anos, nos arredores desta oficina: eram criações estruturadas em madeira, recobertas por papel de revista e jornal, em forma de bichos diversos: elefantes, felinos, girafas, talvez. A matéria bruta para a estrutura o rapaz encontrava nos restos da Oficina, e a manipulava com um misto de ingenuidade e engenhosidade. Eram criações bastante efêmeras e já não vejo sinais de suas estranhas presenças.

Entremeados a fatos sobre este personagem, há uma miríade de lendas, rumores e boatos que agora passo a relatar. O Professor Simão me conta que o rapaz se considera um *caçador-coletor*. Heliogábalus, apesar de morar na Colina (quadra residencial de professores e funcionários da UnB), e de ser filho de um professor aposentado da UnB, cata comida no lixo, e diz que caça e come animais silvestres, principalmente aves, à beira do lago Paranoá. Foi-me dito, inclusive, que este *caçador-coletor* moderno matou um cachorro, besuntou-o com graxa automotiva, assou-o em uma fogueira e, em seguida, devorou sua presa. Suponho que a graxa deva ter funcionado como uma alternativa para o papel de alumínio.

Heliogábalus seria também dono de uma força extraordinária, sobre-humana; especulo que este mito tenha surgido pela natureza de sua peculiar alimentação. Dois fatos concorrem para o estabelecimento desta legendária força: Heliogábalus, um dia, achou e trouxe para o ateliê uma mola de feixes de lâminas para caminhão e, decidido a serrar ao meio as lâminas uma a

uma, passou toda uma tarde serrando; utilizou quatro serras de sega e realizou seu intento completamente banhado em suor. Simão sugeriu-me que existiria uma relação entre o que Heliogábalus sente olfativamente e a própria constituição dos materiais, neste caso, o aço, o que o levaria a realizar façanhas do gênero. Possivelmente há, caso tal relação exista, uma sinestesia entre tato e olfato. Eu havia prosaicamente pensado, como explicação para aquele feito, em um disciplinado e obsessivo ritmo respiratório...

Uma outra proeza, quase sobrenatural, parece ter acontecido. O seu resultado foi fisicamente comprovado ao lado do prédio onde mora. Uma grande árvore foi cortada nos arredores e Heliogábalus resolveu construir uma canoa com a mesma técnica utilizada pelos índios, ou seja, cavando e retirando o material do tronco da árvore. O tronco inicial não foi suficiente para o tamanho desejado da canoa, e após uma outra árvore ter sido abatida, Heliogábalus uniu e colou sozinho as duas metades em uma só peça. Eu e o porteiro do bloco tentamos juntos mover a canoa e, apesar de utilizar toda nossa força, fomos capazes de movê-la apenas um centímetro! O porteiro estimou que a canoa pesasse cerca de uns 800 kg!

Sobre um lado da superfície verde-claro dessa massiva embarcação, está pintada a inscrição "7 ♣," e, sobre o outro, a frase "sete paus." E me perguntei se não seria uma paráfrase ao ditado popular "vou te mostrar com quantos paus se faz uma canoa," que é carregado de uma conotação ameaçadora. O Professor Simão relatou que, ao entalhar o tronco da árvore com um machado, Heliogábalus berrava angustiadamente enquanto soltava poderosos golpes escultóricos contra o tronco.

Simão também comentou que Heliogábalus estava obstinado em chegar a um processo de fabricação de água oxigenada; com o produto, pretendia oxigenar os cabelos, deixando-os louros. Arquitetou a fabricação de uma alquímica "lâmpada de destilação" para que, através de várias e várias destilações da água, esta pudesse se oxigenar! Heliogábalus queria que essa "lâmpada" fosse fundida pelo antigo processo chamado cera perdida<sup>3</sup>, levando em consideração a diferença gradual que a cera de abelha apresenta durante seu processo de esfriamento. Dessa maneira, ele não esperava que o núcleo da fôrma esfriasse, mas que apenas sua casca externa endurecesse, e ele poderia então retirar - com as mãos nuas - o núcleo ainda quente e amolecido da massa de cera, criando assim uma forma oca. A este original processo, eu chamaria de re-escultórico, pois se retira um material de uma fôrma, que originalmente é apenas o negativo de um original.

Com o intuito de ter mais informações acerca do Heliogábalus, primeiro realizei uma rápida pesquisa de campo, entrevistando funcionários que transitam pela quadra onde mora, a Colina. Uma funcionária de um dos blocos o considera contraditório: se, em um dia, ele acaricia e cuida das preás que cria, no outro, “faz maldades com elas”, empalando-as com espetos e cortando suas vaginas com tesouras. Sobre sua incomum alimentação, ela me disse que, depois das torturas, ele as assa e come “com fato e tudo”. Ela complementou dizendo ter prestado depoimento na delegacia sobre estes abusos contra os animais. A mesma informante disse ainda que Heliogábalus coloca seu próprio esperma em uns papezinhos, os dobra e os coloca nas caixas de correios de toda a quadra. O Professor Simão também contou sobre cartas pornográficas que o Heliogábalus teria remetido a atrizes famosas, e que ingenuamente teria colocado como remetente seu próprio nome e endereço, o que obviamente o levou a ter complicações com a polícia.

Após entrevistar pessoas que o conhecem na Colina, contatei seus familiares. Seu pai, um zootécnico e professor aposentado da UnB, recebeu-me pela manhã em seu apartamento e, já na entrada, senti um leve cheiro de álcool no ar. Ao saber que eu queria obter informações sobre seu filho, cheio de felicidade levantou as mãos aos céus, como quem agradece a deus,



**Heliogábalos**

Sem título/ sd

Madeira esculpida

Fotografia: Nelson Maravalhas Jr.

e disse: “finalmente alguém veio ajudar meu filho!”. Imediatamente tratei de desfazer suas esperanças, esclarecendo que não sou terapeuta. Em seguida, ele me disse que seu filho, a quem muito admira, tem uma “índole desconhecida” e que, portanto, “foge ao alcance do mundo”; e que é o mais inteligente dos seus filhos, “inteligente e, ao mesmo tempo, burro”.

O pai explicou que tudo por que seu filho passa é consequência do furto de uma bicicleta que ele praticou em 1990, acompanhado dos filhos de um outro professor. Esse furto levou à condenação do rapaz, então por volta de 18 anos, acontecimento lembrado pelo papel da sentença judicial *Regime Aberto – Prisão Domiciliar*, ainda afixado com percevejos na porta do quarto do Heliogábalus (o que sugere um certo orgulho pela sua façanha) . O pai abriu a porta, por cuja fresta pude ver Heliogábalus deitado no chão, enrolado em lençóis, ao lado de sua cama, parecendo realmente estar em uma prisão domiciliar!

A explicação do pai é de que o problema é genético, pois a avó materna de Heliogábalus sofria de PMD (psicose maníaco-depressiva) e essa doença passaria apenas “de avós para netos” (*sic*). A irmã mais nova, que acompanhava em silêncio a entrevista, disse que seu irmão é um psicopata, ou psicótico, um falso enfim, que teria piorado depois de haver se tornado *punk* - seria dele a culpa de envolver os filhos do outro professor no episódio do furto.

Qualquer que seja seu diagnóstico, considero que Heliogábalus seja um caso paradigmático de um *outsider*, um indivíduo marginal ao que é estabelecido como padrão comportamental. Se ele é também artista, e em que sub-categoria o situaríamos, é o que veremos mais adiante.

Ao definir acima o termo *Outsider Art*, afirmei que seus produtores são indiferentes ao mercado de arte e, em sua maioria, carentes de uma formação artística tradicional. Nesse ponto, nosso estudo de caso apresenta um problema, visto que o Heliogábalus tentou entrar, por meio do vestibular, para o curso de Artes Plásticas da UnB. Ao procurar formação em artes, nosso sujeito demonstrou um interesse em se *des-marginalizar*, de se inserir em um grupo e aprender as técnicas que configuram a tradição artística. Ele tentou deixar de ser um *outsider*, embora o próprio sistema de seleção universitária o tenha eliminado em seguida.

Seu pai insistiu em que ele teria conquistado o primeiro lugar na redação do vestibular, ao escrever sobre o tema “O Mundo”, mas que teria falhado nas outras matérias. Mediante a demonstração de uma verdadeira admiração pelo seu conturbado filho, identifica-se uma forte e conflituosa relação afetiva entre pai e filho. Isto se infere principalmente pelo fato de

Heliogábalus dedicar grande parte de suas esculturas ao pai, oferecendo-as acompanhadas de um bilhete escrito “para você”. Ao lado de um entalhe, representando um pica-pau alimentando dois filhotes que saem de um tronco de árvore, Heliogábalus anexou um bilhete descrevendo seu simbolismo: o pica-pau é o pai que alimenta somente as duas filhas, e esquece do filho - aqui se flagra um ressentido ciúme das irmãs. Neste entalhe há uma árvore ao fundo, que o pai interpreta como o “tridente do diabo”, em razão de haver três únicos galhos que compõem a copa. Podemos ver, nesta interpretação, vestígios das concepções que representavam, nas antigas iconografias, as tentações terrenas através de personagens diabólicos. De que tentação se trataria?

Mudemos agora o enfoque e partamos para a descrição do trajeto do nosso sujeito no espaço urbano. Para tal, imaginemos uma circunferência com centro na Colina, com um raio de alguns quilômetros pelo qual caminha nosso moderno nômade. Fazendo parte desta circunferência, o Café da Rua 8 é ponto rotineiro de passagem de Heliogábalus, para a coleta de lixo ali produzido, ou seja, de restos das iguarias servidas aos intelectuais, artistas, e jornalistas *habitués*. Seria um movimento circunavegante por volta deste ponto, uma trajetória ex-cêntrica em torno de um núcleo (que ele pensa ser) erudito e artístico? Estaria ele à cata dos restos do ‘banquete’, do ‘simpósio’? A proprietária do Café, certo dia, travou com nosso sujeito, em meio a sua coleta de alimentos habitual, um relacionamento no qual ela passou a comprar de Heliogábalus suas esculturas entalhadas em madeira ou a trocá-las por comida. O valor das obras, segundo ela, vai de acordo com “o que eu tenho na hora na carteira” (*sic*).

O Professor Simão é quem estabelece a conceituação inicial sobre a produção de Heliogábalus. Sugere a possibilidade de se considerar como fenômeno estético não apenas e unicamente sua produção material, escultórica, mas a performance realizada pela sua própria vida, suas ideias, conceitos. Penso que tal performance seria realizada na *margem* de um certo tecido social, delimitada pela circunferência criada pela trajetória de Heliogábalus. Sua atitude frente a este tecido é de ataque. Sua autoproclamada condição de *caçador-coletor* é reativa ao tempo moderno e tecnológico. Igualmente, suas atitudes subversivas, pornográficas e sádicas com os animais que logo depois irá comer se constituem em um virulento e frontal ataque àquele tecido social e às pessoas que o integram, justamente pelo que elas representam: as condições sócio-culturais do presente. No entanto, da mesma forma que sua atitude com os animais é contraditória (ele os acaricia e logo depois os tortura), sua atitude social tem um

movimento pendular, oscilando entre o pólo da afronta e o da procura pela aceitação social. Ele procura a aceitação social através da sua produção escultórica, o que, por definição, a torna mais perto da Arte Popular. E mais ainda, às suas peças faltam aquela gravidade necessária à *Arte Marginal*. Elas são infundidas de uma inocente alegria que tenta sempre conquistar afetivamente o observador – nada mais distante da obstinada recusa a uma audiência típica dos produtores de *Art Brut*. Heliogábalus esculpe pássaros, lenhadores e santos. Porém, algumas dessas obras se revestem de algum interesse: há uma, intitulada *Nossa Senhora Aparecida*, que retrata o que mais parece ser um frade sem qualquer indicação de globos oculares. É levemente esculpida em um bloco de pedra com pouquíssimas intervenções, como, por exemplo, a suave curvatura das costas, o cordão na cintura, e os curiosos dedos dos pés na beirada do hábito. Há também um *São Silvestre Lenhador*, entalhado em madeira, com estranha proporção que o faz parecer monumental; ele está sobre um pedestal torto, tem longas pernas e segura às costas um machado; foi feito de encomenda para um músico de rock.

Um interessante caso anedótico aconteceu quando ele levou, para a dona do Café, uma escultura em pedra de um rapaz nu sobre um pedestal. Era a figura de um rapaz sentado e levemente reclinado, que mostrava um pouco suas nádegas – seria um auto-retrato do escultor. Ao ver a pose provocante, a dona do Café insinuou que a escultura seria “meio gay”. Heliogábalus, então, perturbado com tal comparação, cobriu a parte impudica da escultura com um feltro vermelho preso por um botão dourado, e escreveu no tecido “proibido para menores de deztoito anos”. Com isto resolveu o flagrante deslize, escondendo com um pano vermelho o ato falho que teria revelado pulsões.

O fato de sua produção escultural ser usada para a finalidade de integração ao corpo social talvez explique a doçura de suas esculturas. A elas carece uma “força estranha”. Se sua mitológica performance de vida é, em termos de subversão social, poderosa, infectante, capaz de amedrontar vizinhos e aterrorizar adolescentes virgens e seus pais zelosos, suas esculturas, por outro lado, podem servir de decoração doméstica na casa de qualquer um desses vizinhos. Assim, as performances de Heliogábalus - suas ideias herméticas de cadinhos oxigenando água, seu ato construtivo de uma canoa de 800 kg, seus papeizinhos sujos – é que estarão aptas a ser categorizadas como *Arte Marginal*, no que elas têm de mais cru e brutal, e avesso a qualquer tipo de domesticação.

Essa leitura se restringe aos aspectos sócio-culturais do seu comportamento. Outro terreno, mais nebuloso, pode oferecer explicações acerca das raízes psíquicas que geraram tal comportamento. Nesse outro caminho, chegaríamos a um terreno povoado por reis cegos e deuses torpes – no nosso caso, parece apenas que uma das variantes da equação é de um gênero invertido.

*Recebido em 08 de julho de 2009/ aprovado em 02 de setembro de 2009*

## **Notas**

1 Max Ernst, em sua mudança de Berlim para Paris, apresentou o livro de Prinzhorn ao círculo surrealista.

2 *Heliogábalus*: alguém de caprichosa e extravagante dissipação. Identificado com o Imperador Romano *Varius Avitus Bassianus* (204-222 d.C), de descendência síria, que apresentava um comportamento bastante excêntrico e que adotou o nome híbrido, resultado da mistura do grego *Hélius*, sol, e *Elagabalus*, latinizado de *Elagabal*, um deus do sol sírio com o qual se identificava. Heliogábalus introduziu em Roma o culto a esse deus e acabou assassinado.

3 Método de fundir peças de metal, em que o modelo é coberto por uma camada de cera e levado ao forno, causando o derretimento e perda da cera.